

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

INTUIÇÃO

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO DEZENOVE)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 997818905

Piracicaba - SP

Março 2018

ÍNDICE

A MEDIUNIDADE SEM LÁGRIMAS.....	03
A VIDA NAS ESFERAS ESPIRITUAIS.....	03
ALLAN KARDEC – VOL 1.....	03
ALLAN KARDEC – VOL 3.....	05
ALQUIMIA DA MENTE.....	06
AOS MÉDIUNS.....	08
ARQUITETOS DE IDEIAS.....	08
AS POTÊNCIAS OCULTAS DO HOMEM.....	10
BASES CIENTÍFICAS DO ESPIRITISMO.....	11
CAMINHO VERDADE E VIDA.....	12
DEVASSANDO O INVISÍVEL.....	13
DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO.....	14
DINÂMICA PSI.....	14
ELO DE AMOR.....	15
ENCONTROS COM JESUS.....	15
FORÇAS SEXUAIS DA ALMA.....	16
O LIVRO DOS ESPÍRITOS.....	16
A GÊNESE.....	18

A MEDIUNIDADE SEM LÁGRIMAS

C. Torres Pastorino

MÉDIUNS INTUITIVOS

Médiuns intuitivos são aqueles que captam os pensamentos dos espíritos.

Como os outros médiuns, os intuitivos também servem aos espíritos para suas comunicações. Prestam-se muito para a direção das sessões espíritas e para a doutrinação dos espíritos sofredores, porque instantaneamente sabem quais os pontos a tocar para o esclarecimento deles.

Entretanto, dado a facilidade com que chegam a perceber os pensamentos dos espíritos, as pessoas dotadas da mediunidade intuitiva precisam ser calmas e muito ponderadas. Calmas para não agirem precipitadamente ao sabor de qualquer ideia que lhes aflore ao cérebro Ponderadas para analisarem muito bem as intuições que recebem.

A leitura assídua do Evangelho é o mais seguro meio de análise das intuições e constitui a melhor defesa contra as instituições malévolas. As intuições que estiverem em desacordo com as lições evangélicas devem ser repelidas. E o médium, cultivando o estudo constante do Evangelho, abre sua faculdade receptiva para as intuições superiores.

A VIDA NAS ESFERAS ESPIRITUAIS

Geziel Andrade

Cap. 14 §3 (144)

São cooperadores eficientes que agem no plano invisível, oferecendo influências notáveis, intuições oportunas e inspirações valiosas para que os homens permaneçam na prática das virtudes, principalmente nos seus momentos de dificuldades, lutas, impasses, constrangimentos e contrariedades.

ALLAN KARDEC Vol. I

Zêus Wantuil e Francisco Thiesen

Cap. 03 §9 (41)

Conforme conta Ackermann, que foi aluno de Pestalozzi em Yverdon, “o ensino ali era essencialmente **heurístico**, isto é, o aluno é conduzido a descobrir por si mesmo, tanto quanto possível por seu esforço pessoal, as coisas que estão ao alcance de sua inteligência, em vez de elas lhe serem ministradas dogmaticamente pelo método catequético”. Partindo do princípio: “a intuição é a fonte de todos os nossos

conhecimentos”, Pestalozzi fundou sobre a intuição o edifício do ensino novo.

Cap. 15 §2 I (96)

I – A intuição é o fundamento da instrução

Cap. 16 §6 ao 11 (99)

Como não podia deixar de ser, Rivail utilizou-se do ensino intuitivo, processo didático preconizado por Pestalozzi e segundo o qual se transmite ao educando a realização, a atualização da ideia, recorrendo-se aos exercícios de intuição sensível (educação dos sentidos), com passagem natural a atividades mentais que preludiam a intuição intelectual. “A ideia existe originariamente na criança, e a intuição sensível é somente a sua realização concreta, único meio de a ideia se tornar compreensível, porque se encontra como força modeladora que vive e atua na criança.”

O ensino intuitivo se funda na substituição do verbalismo e do ensino livresco pela observação, pelas experiências, pelas representações gráficas, etc., operando sobre todas as faculdades da criança. “A base da instrução elementar de Pestalozzi — afirmou Jullien de Paris — é a INTUIÇÃO, que ele considera como o fundamento geral de nossos conhecimentos e o meio mais adequado para desenvolver as forças do espírito humano, da maneira mais natural.”

“A doutrina e a prática da escola ativa do nosso tempo baseiam-se nos princípios do grande educador suíço, traduzidos na máxima — o respeito pela espontaneidade da criança.” Graças a esses princípios, permite-se à criança pensar a seu modo, em lugar de ser constrangida a pensar à nossa maneira, a caminhar com seus próprios pés e não com os pés do seu mestre; enfim, a criança é estimulada em sua iniciativa pessoal, desenvolvendo por si própria o gérmen que existe no íntimo de sua natureza. O método intuitivo na educação “é a criança vendo, tocando, descobrindo, não toda a ciência, mas sucessivamente tudo o que na ciência está a seu alcance”.

Na primeira obra que deu conhecimento aos franceses do método de educação de Pestalozzi, seu autor, Daniel Alexandre Chavannes, faz um estudo do significado da palavra intuição, do qual extraímos estes trechos: “A impressão recebida pelos sentidos exteriores, e principalmente pelo da visão, comunica-se imediatamente à alma, que adquire, por esse meio, o sentimento ou a consciência do objeto. Esta representação do objeto, colhida pela alma, é chamada **intuição**. (...) Uma **instrução intuitiva** é, então, a que permite a criança tocar com o dedo e com o olho aquilo que se lhe ensina, mesmo as verdades mais intrincadas (às quais só se chega, seguindo um desenvolvimento sempre gradual, após haver partido das noções elementares mais simples). É mister, pois, que a criança possa **ver com seus olhos** a evidência, que possa, por assim dizer, **apalpá-la**.”

Os processos intuitivos da pedagogia e da didática estabeleceram a transição entre

o ensino abstrato e o ensino ativo dos dias atuais, mas este, na verdade, também se baseia na intuição e na maior soma possível de experiência dos alunos. Para René Hubert (50) não há entre a doutrina intuitiva, tal como era recomendada aos institutores do começo do século XIX, e a doutrina das escolas novas outras diferenças além das que dizem respeito à inserção, entre o princípio e suas aplicações, das descobertas da psicologia experimental da criança.

Não obstante adotar o método intuitivo pestalozziano, Rivail achou de bom alvitre não abandonar de todo o ensino abstrato, que ainda estava em voga na maioria das escolas francesas. Inteligentemente procurou conciliá-lo com a doutrina e a prática da escola intuitiva, de maneira que os alunos não teriam dificuldade em se adaptarem exclusivamente a um ou a outro ensino.

(50) René Hubert: “Traité de Pédagogie Générale”, nova edição revista por Gaston Mialaret, Presses Universitaires de France, Paris, 1959, p. 514.

ALLAN KARDEC Vol. III

Zêus Wantuil e Francisco Thiesen

Cap. 06 §5, 6 (274)

O primeiro exemplo é colhido na página, em forma de *nota*, redigida por Kardec, em Paris, aos 14-9-1863, explicando a origem da mensagem mediúnica que ele reproduz, a qual havia solicitado para ser-lhe remetida ao endereço de Sainte-Adresse, onde se encontrava, em retiro. “Quero falar-te de Paris — diz a comunicação — (...) uma vez que *as minhas vozes íntimas se fazem ouvir* EM TORNO DE TI e que teu cérebro percebe as nossas inspirações com uma facilidade de que nem tu mesmo suspeitas. Nossa ação, *principalmente a do Espírito de Verdade*, é constante em teu derredor e tal que não a podes negar. (...) a respeito do plano que, segundo meus conselhos ocultos (o plano do Evangelho, obra que viria à luz no ano seguinte, em abril, “Imitation de l’Évangile selon le Spiritisme”), modificaste tão ampla e completamente. Compreendes agora por que precisávamos *ter-te sob as mãos, livre de toda preocupação outra que não a da Doutrina. Uma obra como a que elaboramos de comum acordo necessita de recolhimento e de insulamento sagrado. (...).*”

Aí está a confirmação. O valor de uma mensagem como essa cresce naturalmente aos nossos olhos. Kardec era médium intuitivo tão desenvolvido que “ouvia”, “percebia” facilmente tudo, mas nem sempre sabia onde terminava o médium e começava o Espírito; ou onde este cessava, para que recomeçasse aquele. *Médium do Espírito da Verdade* (cuja ação era constante em seu derredor). A importância fundamental do ambiente cristãmente disposto, verdadeiro santuário (no melhor sentido), casa-se, no caso de Kardec e dos que vêm ao mundo com tarefas espiritualmente relevantes (os livros de

André Luiz, pelo médium F. C. Xavier, explicam isso à sociedade), perfeitamente com a condição, num dado momento alvitrada pelo Alto, de recolher-se, retirar-se, em regime de dedicação exclusiva e tempo integral à Doutrina. A expressão usada pelo Espírito: “*compreendes agora por que 'precisávamos ter-te sob as mãos...*”, evidencia que houve relutância do Codificador em concordar com a sugestão, que fugia à regra, às diretrizes comuns; porém, Kardec tinha de fugir a determinadas regras; não sendo comum — de simples adepto — a sua posição, devia prevalecer-se das exceções justas, desde que pudesse, como pôde, suportar sozinho mais esse ônus (devido às implicações com os problemas da subsistência do próprio lar).

ALQUIMIA DA MENTE

Hermínio C. Miranda

Cap. III 5 §43 (82)

Maeterlinck parece pensar de maneira semelhante e o expressa com elegância e precisão invejáveis, ao dizer que os cavalos de Karl Krall se encontram, em relação a outros animais, num plano onde estaria o ser humano que conseguisse viver em nível subliminal elevado. Nesse ponto, prossegue o autor, “a inteligência, que é a nossa letargia e que nos mantém cativos, ao fundo de uma pequena concavidade de tempo e espaço, seria substituída pela intuição ou, antes, por uma espécie de sabedoria imanente que, sem esforço, nos faria partilhar de tudo o que sabe o universo que, talvez, saiba tudo” (p. 241)

Dependesse de mim e se Maeterlinck já não houvesse ganho o Prêmio Nobel de Literatura, eu o teria concedido só por esta frase. Também o autor espiritual de *A Grande Síntese*, de Pietro Ubaldi, preconiza a intuição como a próxima etapa evolutiva da inteligência, dado que o processo indutivo-dedutivo já esgotou suas possibilidades cognitivas. Também a palavra letargia é um bom achado para caracterizar o estado da inteligência enquanto o ser espiritual se encontra acoplado ao corpo físico. Este é, aliás, um conceito eminentemente gnóstico: o estado de torpor, de esquecimento, de embriaguez em que se encontra a centelha divina encarnada. O próprio Maeterlinck, como vimos alhures, propõe a hipótese de que o ser espiritual não mergulha por inteiro na matéria e sim parcialmente. A chamada consciência de vigília seria, portanto, apenas a ponta emergente de um vasto *iceberg* submerso na amplidão cósmica. Belíssima também sua observação de que podemos partilhar da sabedoria universal, que talvez de tudo saiba. Eu somente tiraria daí o talvez.

Cap. IV 4 (112)

Quando as mandíbulas se relaxam, o aparelho fonador também se relaxa. Com os centros da fala relaxados, meus pacientes parecem transferir-se dos centros cerebrais da fala - o lobo temporal, à esquerda do cérebro - para outras áreas de interesse, deslocando-se para o hemisfério direito, onde sonhos, aspirações artísticas e intuições científicas frequentemente parecem ter suas origens.

Ante o silêncio temporário do hemisfério esquerdo, o direito assume o controle ou, pelo menos, consegue entender-se melhor com a parte do ser que se encontra implantada à esquerda. E o momento a partir do qual a doutora começa a formular suas perguntas. Caracteristicamente, ela não concede muito tempo para a resposta, porque descobriu, logo cedo nas suas pesquisas, que, dispondo de mais tempo, o consciente (que está em recesso, mas não apagado) interfere e modifica as revelações que riscam a mente, como um breve clarão. A doutora está convencida de que as respostas surgidas mais prontamente “parecem provir do cérebro (hemisfério) direito”, que ela identifica como subconsciente. A terminologia aqui não é obstrutiva e creio não trair o pensamento da eminente psicóloga, entendendo seu termo subconsciente no sentido de inconsciente, isto é, algo que não está do lado consciente do ser.

Cap. IV 5 (125)

Poderia ser esse o mecanismo mesmo da intuição, tanto quanto o da comunicação mediúmica e da anímica. Devo acrescentar aqui, em benefício dos leitores não familiarizados com essa terminologia, que é mediúnico o intercâmbio com entidades desencarnadas (espíritos), ou seja, seres que se encontram na dimensão póstuma, no período que os pesquisadores, como o dr. Whitton, estão chamando de “vida entre vidas”. Já a comunicação anímica é a que provém da entidade espiritual encarnada através de seu próprio corpo físico. Está neste caso a chamada escrita automática, frequentemente confundida com a psicografia. Na escrita automática a individualidade assume os controles da personalidade e, utilizando-se dos recursos que ali encontra, consegue fazer converter suas imagens abstratas em conceitos verbalizados. Na psicografia o processo é idêntico, mas o agente, ou seja, a individualidade atuante sobre o psiquismo do ser encarnado é uma entidade desencarnada.

Weil está correto, pois, na sua observação de que é preciso retirar os filtros de posição, ou melhor, fazer sobre eles um *by-pass* a fim de que possamos tomar conhecimento da transcendência de outras dimensões. Está certo, ainda, quando pressupõe, para funcionamento desse sistema, um desligamento entre personalidade e individualidade ou, para nos mantermos fiéis à sua terminologia, entre “a mente e a consciência habitual”. E, literalmente, o que acontece, dado que o corpo energético se desdobra, desprende-se ou afasta-se do corpo físico a fim de que a individualidade tenha acesso aos seus mecanismos verbais de expressão. Há uma hipótese alternativa, talvez mais sedutora: a de que, em tais situações, em vez de “desligar-se” da individualidade, a personalidade, ao contrário, liga-se mais intimamente à sua matriz, saltando para dentro dela, como a criança que busca o aconchego do colo materno. Acredito que nesses momentos a individualidade manifestante - própria ou alheia - se utilize dos circuitos límbicos, enquanto o corpo caloso continua em atividade reduzida, apenas ocupado da manutenção da máquina biológica e pronto para entrar em ação a qualquer momento em que for exigida uma providência mais enérgica na área da personalidade.

Cap. V 8 §45 (238)

A abertura para a metodologia da intuição não significa, porém, excluir do sistema a contribuição da razão - as duas fases do pensamento são complementares; podem e devem caminhar juntas, mesmo porque representam manifestações diferentes do mesmo

princípio inteligente. A intuição não é irracional e sim dotada de diferentes mecanismos de racionalização, da mesma forma que a individualidade não é inconsciente, apenas situada em outro patamar de consciência fora do alcance da personalidade.

Cap. V 8 §58 (241)

Daí porque o escritor, o poeta, o compositor ou o artista plástico partem para as suas criações do que se habituaram a considerar como inspiração. “Alguma coisa” lhes diz, dentro de si mesmos, que eles têm algo a expressar, a criar ou no qual se podem projetar, ainda que não se saiba precisamente o que seja isso. No nebuloso território fronteiriço, torna-se difícil distinguir inspiração de intuição, que parecem fundidas numa só atividade mental, empenhada em fazer emergir no ambiente da personalidade aquilo que a individualidade elaborou: uma dissertação, um poema, um quadro, uma sinfonia.

AOS MÉDIUNS

Lídia Loureiro

Parte II 4 (56)

Quando os homens compreenderem que a intuição é uma realidade incontestável, e que a mediunidade é a chave que vos permite descerrar a porta maravilhosa do infinito, então vivereis no mundo como num paraíso, porquanto tereis transportado, para os vossos corações, as felicidades inefáveis, as esperanças ridículas de um mundo a vos aguardar, onde não haverá sofrimentos, se houverdes conservado sempre o nome do Altíssimo em vossa alma e selado, com o selo do amor, a vossa existência terrena.

ARQUITETOS DE IDÉIAS

Ernest R. Trattner

Cap. 5.14 §1 (126)

14 Rumford chegara, em verdade, a formar uma ideia exata do calor (a qual Mayer aceitou, depois de longas e acuradas reflexões), mas não compreendera com clareza que entre o trabalho mecânico produzido (como a perfuração do canhão pela força dos cavalos) e a soma do calor gerada por essa ação existia uma relação quantitativa exata. Esta glória estava reservada a Mayer, e sua intuição foi elemento essencial à consolidação da teoria. Foi um feito raro, o de não só pressentir e registrar essa relação em seus múltiplos e variados aspectos — orgânicos e inorgânicos — mas de compreender a sua natureza matemática calculável, o que representa uma lei imposta à percepção por um ato do espírito, diverso de tudo aquilo que os sentidos nos oferecem diretamente.

Um ano após a decepção com Poggendorff apareceu uma memória impressa de

Mayer, intitulada *As Forças da Natureza Inorgânica* (1842). Insistia sobre a conservação da energia: “Uma força existente não pode ser aniquilada.” Mayer estava familiarizado com várias espécies de forças — a magnética, a elétrica, a química, a força da gravidade! Sempre que uma destas modalidades de energia desaparece, surge em seu lugar uma das outras. Quando o calor aparece durante a fricção, é porque a energia de movimento se transformou em calor.

A memória de 1842 é notável por conter o primeiro cálculo do equivalente mecânico do calor, isto é, a relação numérica entre o calor e o trabalho. Teve esta descoberta origem num parecer do Dr. Norrenberg, professor de Física em Tubinga, a quem Mayer fora pedir conselho. “Sim”, declarou Norrenberg. “se o senhor conseguir basear um novo experimento sobre a sua teoria, ela ficará provada.” Mayer não perdeu tempo; voltou à sua casa para experimentar, e descobriu qual a quantidade de energia necessária para produzir uma unidade de calor. Conseguindo encontrar a cobiçada relação numérica, provou que a queda de uma unidade de peso da altura de 365 metros equivale ao aquecimento do mesmo peso de água, de zero a um grau centígrado. Foi essa uma proeza brilhante, que fazia época, e pela qual ninguém se interessou. O mundo respondeu-lhe com a indiferença e fê-lo enlouquecer.

Cap. 6.13 §2 (142)

13 James Clerk Maxwell (1831-1879) começou onde Faraday havia terminado, não de golpe mas por graus progressivos de acesso. Nascera rico, na Escócia, habituando-se desde cedo aos assuntos científicos. Era especialmente em Matemática (o ponto fraco de Faraday) que Maxwell mais brilhava.

Profundamente impressionado pelas opiniões peregrinas de Faraday, Maxwell resolveu apropriar-se delas. Convencera-se de que as estranhas centelhas daquele cérebro não eram extravagâncias, mas ricas intuições. primeiros impulsos para os passos que ele, Maxwell, estava destinado a dar. Impôs-se a tarefa de vazar em terminologia exata muitas observações de Faraday. Mediante uma soberba análise matemática, conseguiu provar que as perturbações eletromagnéticas e as ondas luminosas são transmitidas pelo mesmo meio e com a mesma velocidade. De fato, a única diferença entre elas é que as ondas luminosas são mais curtas. Em sua essência, todas as formas de radiação ondulatória, calor radiante, raios X, os raios gama emitidos pelo rádio, os raios ultravioletas de uso terapêutico, são a mesma coisa. Maxwell formulou a célebre equação do campo eletromagnético, que se aplicava à luz não menos que ao eletromagnetismo. Em outras palavras, não hesitou em afirmar que as ondas luminosas são ondas eletromagnéticas curtas. Isto o levou a expor, em 1873, a teoria eletromagnética da luz, em que esta é considerada como um fenômeno elétrico, consistindo numa vibração transversal do éter².

2. Nenhum conceito na História da Ciência teve uma carreira mais estranha e acidentada do que o conceito do éter. Nenhum foi centro de mais acerbos discussões. Foi morto e ressuscitado várias vezes, em especial desde o tempo de Huygens. Até os seus inimigos mais ferrenhos reconheceram que ele desempenhou um papel valioso na evolução da Ciência. Einstein, contudo, desfez-se dele, e com isto abriu caminho à elaboração da sua teoria especial da relatividade. Contemplando das eminências vantajosas de nossas conquistas mais modernas a obra de Maxwell, podemos dizer que as suas conclusões permanecem, apesar de ter sido destruído o quadro que sustentava os fenômenos eletromagnéticos. Não obstante. Eddington na sua *Natureza do Mundo Físico* afirma ainda que “nós precisamos do éter”.

O desenvolvimento dado à teoria ondulatória por Maxwell revelou-se rico de vigor e presciência. Como fruto dos seus trabalhos a carreira da radiação ondulatória tomou o impulso de um progresso contínuo, com incalculáveis resultados práticos. A História da Ciência não nos oferece exemplo de uma messe mais maravilhosa do que essa.

Vejamos o que aconteceu.

Maxwell afirmava que a sua teoria eletromagnética da luz encerrava a possibilidade de se produzirem ondas de natureza similar, porém mais longas, fugindo ao alcance da vista. Nove anos após a morte de «Maxwell, sua predição realizou-se na Alemanha pelos esforços de Heinrich Rudolf Hertz (1857-1894), no decurso de novos experimentos com as ondas eletromagnéticas. Hertz foi, inquestionavelmente, o primeiro que demonstrou a existência de ondulações elétricas. Fez ver que a eletricidade e a luz possuem as mesmas propriedades ondulatórias, consistindo a diferença apenas no comprimento — o que equivale a dizer na frequência das vibrações do éter. Além do mais, descobriu o meio de aumentar a amplitude dessas ondas que têm hoje, em sua honra, o nome de hertzianas (as ondas do rádio).

Veio então Marconi (1874-1937), que viu a possibilidade de aplicar a usos práticos essas ondas hertzianas. Adaptou-as a um sistema de telegrafia, e em 1896 (com a idade de vinte e dois anos) tirou a primeira patente de sem-fio baseado no emprego das ondas elétricas. O seu bom êxito na transmissão de mensagens assombrou o mundo, que julgava incrível pudesse tal *milagre* prático surgir do bojo da teoria. Em 1900, Marconi elogiou com estas palavras os trabalhos do seu predecessor: “A prova experimental, fornecida por Hertz, da identidade da luz e da eletricidade, e o conhecimento dos meios de produzir e captar essas ondas do éter, cuja existência se ignorava até então, foi o que tornou possível a telegrafia sem fio.”

O romance da Ciência não é uma ficção. Dos estudos altamente teóricos de Maxwell nasceu um novo triunfo: o rádio. Aquelas secas e abstrusas equações do físico escocês trazem-nos hoje as vozes do éter a pulsar de estação em estação ao redor do mundo. Mas o resultado mais sensacional, até agora, dessa unificação da luz e da eletricidade, é talvez a televisão.

AS POTENCIAS OCULTAS DO HOMEM

Dr. A. A. Martins Velho

Cap. V §86 (163)

Dá-se o nome de *pressentimento* ou *intuição* ao fenômeno psíquico, mediante o qual certas pessoas, *estando acordadas e no gozo pleno de todas as suas faculdades*, tem subitamente conhecimento, *mais ou menos nítido*, de um acontecimento longínquo, presente ou futuro, geralmente desastroso.

São inúmeros os factos desta natureza, e manifestam-se geralmente por uma comoção interna indefinível, por uma dor moral ou um mal estar orgânico, que nos faz antever uma desgraça eminente.

Estes fenômenos, vulgarmente denominados *simpáticos*, dão-se geralmente entre pessoas *ligadas por estreitos vínculos de sangue*, ou pelos laços, mais íntimos ainda, *de um amor intenso* ou uma *amizade* a toda a prova.

Cap. XII §94 (385)

Passo em claro a mediunidade *intuitiva, auditiva e visual*, porque essas *mediunidades* não sendo, por sua natureza, exteriorizáveis em factos, que todos possam perceber, não podem ser cientificamente estudadas e analisadas. Por isso passarei a tratar da *mediunidade* de *incorporação* ou *vocal*, que é interessantíssima a todos os respeitos.

BASES CIENTÍFICAS DO ESPIRITISMO

Epes Sargent

Cap. IX §38 (290)

Por inconcebível que isso pareça, está em harmonia com fatos inumeráveis. «As nossas intuições, diz J. Le Conte, estão na natureza dos sentidos espirituais, pelos quais obtemos diretamente conhecimentos que transcendem ao poder da nossa análise.» Swedenborg diz:

“Cada homem tem uma mente inferior ou exterior e uma mente superior ou interior. . . Essas duas mentes são tão distintas que o homem, enquanto vive no mundo, não conhece o que se elabora em si mesmo na mente superior, e quando se torna Espírito, o que se dá logo depois da morte, passa a desconhecer o que se elabora na mente inferior.”

Cap. IX §43 (291)

A legítima dedução dos fatos em questão é que há uma consciência psíquica e íntima, distinta da cerebral e exterior, e que entre as duas há graus distintos. Às vezes pode haver uma intromissão de pensamento de uma delas na outra, o que se dá comumente em indivíduos altamente sensitivos. Os pensamentos que nos vêm, não sabemos como nem donde, podem ter sido oriundos dos mais altos graus da consciência; não raro, talvez, dos mais baixos, porque a essência do sentimento, como a do pensamento, é a consciência. O «conhecimento intuitivo» de Jacob, a «intuição intelectual» de Schelling, o «poder secreto» de Agassiz e do Dr. Brown-Séguard, o «êxtase» de Plotinus e a «cerebração inconsciente» do Dr. Carpenter, não nos sugerem a completa verdade, porque o pensamento gerado no estado assim diversamente designado não é o produto da passividade mental, mas o equivalente de uma consciência íntima e, ao mesmo tempo, superior.

Cap. IX §47 (290)

O fato dos mais íntimos estados, nos quais o homem íntimo está e pensa, antes que a consciência normal o perceba como existindo e pensando nele, é perfeitamente admitido por J. H. Fichte e por Schelling. Eles, porém, e não parecem considerar esses íntimos estados, em vez de serem passivos, como sendo estados da consciência. Assim, no caso das «intuições» ou resultados da «cerebração inconsciente», à nossa consciência, segundo esses filósofos, percebe um defeito dentro de si mesma, uma negação da sua própria atividade individual. Essa negação, porém, é fundada em uma ilusão e perde a sua força quando admitimos o grande fato dos graus distintos.

CAMINHO VERDADE E VIDA

Emmanuel

39

Entra e coopera

“E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que eu faça? Respondeu-lhe o Senhor: — Levanta-te e entra na cidade e lá te será dito o que te convém fazer”. — ATOS, 9:6.

Esta particularidade dos Atos dos Apóstolos reveste-se de grande beleza para os que desejam compreensão do serviço com o Cristo.

Se o Mestre aparecera ao rabino apaixonado de Jerusalém, no esplendor da luz divina e imortal, se lhe dirigira palavras diretas e inoxidáveis ao coração, porque não terminou o esclarecimento, recomendando-lhe, ao invés disso, entrar em Damasco, a fim de ouvir o que lhe convinha saber? É que a lei da cooperação entre os homens é o grande e generoso princípio, através do qual Jesus segue, de perto, a Humanidade inteira, pelos canais da inspiração.

O Mestre ensina os discípulos e consola-os através deles próprios. Quanto mais o aprendiz lhe alcança a esfera de influência, mais habilitado estará para constituir-se em seu instrumento fiel e justo.

Paulo de Tarso contemplou o Cristo ressuscitado, em sua grandeza imperecível, mas foi obrigado a socorrer-se de Ananias para iniciar a tarefa redentora que lhe cabia junto dos homens.

Essa lição deveria ser bem aproveitada pelos companheiros que esperam ansiosamente a morte do corpo, suplicando transferência para os mundos superiores, tão somente por haverem ouvido maravilhosas descrições dos mensageiros divinos. Meditando o ensinamento, perguntem a si próprios o que fariam nas esferas mais altas, se ainda não se apropriaram dos valores educativos que a Terra lhes pode oferecer. Mais razoável, pois, se levantem do passado e penetrem a luta edificante de cada dia, na Terra, porquanto, no trabalho sincero da cooperação fraternal, receberão de Jesus o esclarecimento acerca do que lhes convém fazer.

Intuição

“Porque a profecia jamais foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito- - Santo.” — II PEDRO, 1:21.

Todos os homens participam dos poderes da intuição, no divino tabernáculo da consciência, e todos podem desenvolver suas possibilidades nesse sentido, no domínio da elevação espiritual. Não são fundamentalmente necessárias as grandes manifestações fenomênicas da mediunidade para que se estabeleçam movimentos de intercâmbio entre os planos visível e invisível.

Todas as noções que dignificam a vida humana vieram da esfera superior. E essas ideias nobilitantes não se produziram por vontade de homem algum, porque os raciocínios propriamente terrestres sempre se inclinam para a materialidade em seu arraigado egoísmo.

A revelação divina, significando o que a Humanidade possui de melhor, é cooperação da espiritualidade sublime, trazida às criaturas pelos colaboradores de Jesus, através da exemplificação, dos atos e das palavras dos homens retos que, a golpes de esforço próprio, quebram o círculo de vulgaridades que os rodeia, tornando-se instrumentos de renovação necessária.

A faculdade intuitiva é instituição universal. Através de seus recursos, recebe o homem terrestre as vibrações da vida mais alta, em contribuições religiosas, filosóficas, artísticas e científicas, ampliando conquistas sentimentais e culturais, colaboração essa que se verifica sempre, não pela vontade da criatura, mas pela concessão de Deus.

DEVASSANDO O INVISÍVEL

Yvonne A. Pereira

Cap. VIII §6 (178) – item 2

Os médiuns espíritas que se entregam à oratória, sempre veemente e profundamente inspirada, não recebem, precisamente, as intuições no momento em que discursam, ao mais das vezes, como nem sempre o seu instrutor espiritual estará presente ao seu lado, na tribuna. O que frequentemente acontece é que, já possuidor do necessário cabedal, embora não seja, verdadeiramente, um orador, na véspera desse trabalho, ou poucas horas antes, o médium será arrebatado em espírito por seu Guia espiritual, durante o sono, para o Espaço. Fornece-lhe as instruções para o discurso; fá-lo discursar em sua presença, imprimindo na mente do seu pupilo o característico da sua própria oratória; exerce sobre ele, enfim, seu intérprete, a sugestão hipnótica, ou «hipnose». Ao despertar do sono, o médium estará tranquilo, sentindo algo indefinível dentro de si, sem, todavia, recordar o que se passou durante o seu repouso. Mas, no momento da oratória, esta será «repetida» exatamente como foi delineada e autorizada no Espaço, com eficiência e agrado geral, sem que o médium vacile por um instante, na eloquência assim adquirida. E' por isso que o estilo deste ou daquele Espírito, se conhecido dos assistentes, chegará a ser reconhecido, para edificação de todos... Daí a necessidade, que todo médium orador sente, de se recolher e isolar horas antes, ocasião em que, geralmente se deixa vencer por um sono ameno e reconfortador...

As melhores palestras que nos foi dado realizar, sobre assuntos espíritas, concederam-nas os nossos amigos espirituais, por essa forma, muito embora no momento do testemunho, ou «reprodução» da peça oratória, costumem eles exercer uma certa vigilância em torno do médium. Será bom, por isso mesmo, para maior grandeza desse

feito mediúnico, que os ambientes dos Centros Espíritas não sejam alterados por quaisquer acidentes profanos.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO

João Teixeira de Paula

MÉDIUM INTUITIVO. É aquele que, na definição de A. Kardec, tem a faculdade de receber, apreender o pensamento do Espírito. Na Psicografia, a é aquele com quem o Espírito se comunica pelo pensamento e “cuja mão é conduzida voluntariamente”.

DINÂMICA PSI

Jorge Andréa dos Santos

Cap. 2 §9 (15)

O que se deve salientar de importância foi o bem dotado arcabouço psicológico que possuía, preparado e maturado dentro do panorama evolutivo, como importante tela de comunicação que o seu espírito necessitava para dar vazão às energias viventes em sua intimidade. A sua personalidade psicológica foi, sem dúvida alguma, a ideal para a missão que realizou. Trazia em seu estofamento psíquico o degrau mais avançado de trabalho dessas energias — a intuição! A intuição, como atributo do espírito, para que fosse segura, bem alicerçada e pudesse demonstrar a riqueza de que estava investida, encontrou, na sua celebração, o baluarte do pesquisador que se relaciona com os fatos, que se liga ao objeto, sem fantasias, e só os abandona após compreendê-los e defini-los. Foi por isso que Kardec, nesta época de observações, enquanto muitos pesquisadores ficavam receosos e mesmo com dificuldades de avaliações dos fenômenos, por integrar-se com os fatos, penetrou melhor a essência dos mesmos dando-lhes uma posição específica; diríamos: deu aos fatos paranormais uma direção mais bem ajustada e correta e mais do que tudo, soube relacioná-los com profundidade e precisão.

Cap. 9 §12 (66)

É claro que existem variações e oscilações a serem consideradas, não só do processo espiritual em desenvolvimento, como, também, do estado perceptivo emocional do médium que é oscilante e variável diante do tempo de trabalho e estágio da vida em que se encontra (juventude, maturidade e velhice).

Se essas condições de intro e extroversão podem definir tendências nas variedades de incorporação mediúnica, devemos considerá-las, também, em face aos infra normais, normais e supranormais. Nos dois primeiros grupos existiriam tendências de mediunidade de incorporação e no grupo dos supranormais, da faixa intuitiva. Na variedade dos biótipos podemos perceber as dificuldades de avaliações; mas, estudos a serem desenvolvidos poderão ampliar os conceitos da mediunidade, dos fenômenos parapsicológicos em geral, e fornecer conclusões valorosas para a trilha científica.

ELO DE AMOR

Iriê Salomão de Campos

Cap. 11 §1 (88)

Obedecendo à dura rotina de funcionária estadual, Isabel acordava bem cedo dando início aos preparativos pessoais para mais um dia de trabalho. Arrumava a cama e alimentava-se, mantendo sempre a emoção em prece - não na ladainha dos beatos, mas com a voz silenciosa, de alma e coração. Saía então de casa transmitindo profunda alegria por onde passava. Era como se ela tivesse consciência de que, à sua volta, um mundo de trabalhadores espirituais a acompanhava, aproveitando sua dignidade e conduta moral, instruindo-a por intuição (uma das primeiras manifestações mediúnicas, também chamada de inspiração) para que trilhasse sempre o caminho do bem mantendo-se voltada para as vibrações de amor e equilíbrio.

Cap. 11 §1 (88)

A mediunidade se manifesta como nos ensina Kardec, pela intuição que nos acompanha na rotina diária. Por ser corriqueira, não provoca fenômenos, portanto não nos chama a atenção, resultando assim em muitos erros por todos nós cometidos ao longo da vida.

ENCONTROS COM JESUS

Wallace Neves – Yvonne A. Pereira

André concluiu que havia compreendido que dependeria, concomitantemente, do pensamento associado ao coração. Todavia, Jesus conclamou a João que completasse.

- Mestre, sinto que é muito mais do que do pensamento e do coração; é preciso força de vontade definida pela fé e o poder do sentimento expresso pelo amor.

- João, a inspiração e a intuição são outras tantas virtudes, como dotes generosos do Pai Celeste a todos, como a que você recebeu agora.

Tiago Maior, a seu turno, ao interpelar o Mestre, estabeleceu relação com a pergunta de André, concluindo, então que seria diferenciada da mulher Hemorroíza, a ação que curou o cego, quando Jesus usou a pasta de saliva misturada à terra, aplicara aos olhos do homem e, posterior mente, por sua orientação, mandou que os lavasse no tanque.

FORÇAS SEXUAIS DA ALMA

Jorge Andréa dos Santos

Cap. I A §2, 3 (27)

A zona superconsciente seria uma elaboração consciente mais avançada, onde o trabalho analítico consciencial tivesse possibilidades de ampliação numa síntese. Seria como que o consciente percebendo, dentro de suas possibilidades, a desenvoltura do inconsciente; haveria uma percepção consciente em faixas mais desenvolvidas, cuja essência do fenômeno pudesse ser registrada. Seria um fenômeno intuitivo, sem análises, desenvolvido na zona consciente, porém com foros de certeza e veracidade. A percepção superconsciente representaria a posição fenomênica intermediária entre o trabalho do consciente e os complexos mecanismos do inconsciente.

Por tudo, conclui-se que definir a zona espiritual, pela reduzida tela da consciência, será sempre em caráter de hipótese e com estreitamento de conceitos, apesar do auxílio e trabalho da zona superconsciente.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec

Questão: 143

143. Por que todos os Espíritos não definem do mesmo modo a alma? “Os Espíritos não se acham todos esclarecidos igualmente sobre estes assuntos. Há Espíritos de inteligência ainda limitada, que não compreendem as coisas abstratas. São como as crianças entre vós. Também há Espíritos pseudossábios, que fazem alarde de palavras, para se imporem, ainda como sucede entre vós. Depois, os próprios Espíritos esclarecidos podem exprimir-se em termos diferentes, cujo valor, entretanto, é, substancialmente, o mesmo, sobretudo quando se trata de coisas que a vossa linguagem se mostra impotente para traduzir com clareza. Recorrem então a figuras, a comparações, que tomais como realidade.”

Questão: 218

218. Encarnado, conserva o Espírito algum vestígio das percepções que teve e dos conhecimentos que adquiriu nas existências anteriores? “Guarda vaga lembrança, que lhe dá o que se chama ideias inatas.”

a) — Não é, então, quimérica a teoria das ideias inatas? “Não; os conhecimentos adquiridos em cada existência não mais se perdem. Liberto da matéria, o Espírito sempre os tem presentes. Durante a encarnação, esquece-os em parte, momentaneamente; porém, a intuição que deles conserva lhe auxilia o progresso. Se não fosse assim, teria que recomeçar constantemente. Em cada nova existência, o ponto de partida, para o Espírito, é o em que, na existência precedente, ele ficou.”

b) — Grande conexão deve então haver entre duas existências consecutivas? “Nem sempre tão grande quanto talvez o suponhas, dado que bem diferentes são, muitas vezes,

as posições do Espírito nas duas e que, no intervalo de uma a outra, pode ele ter progredido.” (216)

Questão: 219

219. Qual a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, o das línguas, do cálculo, etc.?

- “Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência. Donde queres que venham tais conhecimentos? O corpo muda, o Espírito, porém, não muda, embora troque de roupagem.”

Questão: 393

393. Como pode o homem ser responsável por atos e resgatar faltas de que se não lembra? Como pode aproveitar da experiência de vidas de que se esqueceu? Concebe-se que as tribulações da existência lhe servissem de lição, se se recordasse do que as tenha podido ocasionar. Desde que, porém, disso não se recorda, cada existência é, para ele, como se fosse a primeira e eis que então está sempre a recomençar. Como conciliar isto com a justiça de Deus? “Em cada nova existência, o homem dispõe de mais inteligência e melhor pode distinguir o bem do mal. Onde o seu mérito se se lembrasse de todo o passado?”

Quando o Espírito volta à vida anterior (a vida espírita), diante dos olhos se lhe estende toda a sua vida pretérita. Vê as faltas que cometeu e que deram causa ao seu sofrer, assim como de que modo as teria evitado. Reconhece justa a situação em que se acha e busca então uma existência capaz de reparar a que vem de transcórrer. Escolhe provas análogas às de que não soube aproveitar, ou as lutas que considere apropriadas ao seu adiantamento e pede a Espíritos que lhe são superiores que o ajudem na nova empresa que sobre si toma, ciente de que o Espírito, que lhe for dado por guia nessa outra existência, se esforçará pelo levar a reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de intuição das em que incorreu. Tendes essa intuição no pensamento, no desejo criminoso que frequentemente vos assalta e a que instintivamente resistis, atribuindo, as mais das vezes, essa resistência aos princípios que recebestes de vossos pais, quando é a voz da consciência que vos fala. Essa voz, que é a lembrança do passado, vos adverte para não recairdes nas faltas de que já vos fizestes culpados. Em a nova existência, se sofre com coragem aquelas provas e resiste, o Espírito se eleva e ascende na hierarquia dos Espíritos, ao voltar para o meio deles.”

Não temos, é certo, durante a vida corpórea, lembrança exata do que fomos e do que fizemos em anteriores existências; mas temos de tudo isso a intuição, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado. E a nossa consciência, que é o desejo que experimentamos de não reincidir nas faltas já cometidas, nos concita à resistência àqueles pendores.

Questão: 415

415. Que utilidade podem elas ter, se as olvidamos? “De ordinário, ao despertardes, guardais a intuição desse fato, do qual se originam certas ideias que vos vêm espontaneamente, sem que possais explicar como vos acudiram. São ideias que adquiristes nessas confabulações.”

Questão: 522

522. O pressentimento é sempre um aviso do Espírito protetor? “É o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos quer bem. Também está na intuição da escolha que se haja feito. É a voz do instinto. Antes de encarnar, tem o Espírito conhecimento das fases principais de sua existência, isto é, do gênero das provas a que se submete. Tendo estas caráter assinalado, ele conserva, no seu foro íntimo, uma espécie de impressão de tais provas e esta impressão, que é a voz do instinto, fazendo-se ouvir quando lhe chega o momento de sofrê-las, se torna pressentimento.”

Questão: 960

960. Donde se origina a crença, com que deparamos entre todos os povos, na existência de penas e recompensas porvindouras? “É sempre a mesma coisa: pressentimento da realidade, trazido ao homem pelo Espírito nele encarnado. Porque, sabe-o bem, não é de balde que uma voz interior vos fala. O vosso erro consiste em não lhe prestardes bastante atenção. Melhores vos tornaríeis, se nisso pensásseis muito, e muitas vezes.”

A GÊNESE

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da Doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.

Introdução §9

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ademais, pelo critério da lógica, é que constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade.....

Introdução §11

Os mesmos escrúpulos havendo presidido à redação das nossas outras obras, podemos, com toda verdade, dizê-las segundo o Espiritismo, porque estamos certos da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a Doutrina a responsabilidade delas. 1